



ANAIS

**IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS
NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UEL

**IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)**

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

O PALEOLÍTICO RELIGIOSO DE MIRCEA ELIADE: UMA DISCUSSÃO DA MEDIUNIDADE COMO CATEGORIA PARA O ESTUDO DAS CRENÇAS E IDEIAS RELIGIOSAS.

Giovane Marrafon Gonzaga (HCIR/UEM – EFM)

176

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir a proposição da mediunidade enquanto categoria para o estudo das crenças e ideias religiosas, se atendo às considerações sobre as prática religiosas do Período Neolítico a partir da leitura de *Historia de las ideas e creencias religiosas Vol. I: de la Edad da Piedra a los Misterios de Eleusis*, obra de Mircea Eliade publicada originalmente em 1976. Uma resenha crítica que se concentra sobre quatro pontos principais: a divisão do mundo em feminino e masculino, sua ligação com os ritos iniciáticos; a capacidade de produzir utensílios e implicações na cultura religiosa; o sacrifício, a alma e a abrangência desses elementos para diferentes sociedades.

Palavras-Chaves: Eliade; Mediunidade; Paleolítico.

INTRODUÇÃO

O texto a seguir trata de uma discussão da mediunidade como categoria para o estudo das crenças e ideias religiosas. A partir da obra *Historia de las ideas e creencias religiosas Vol. I: de la Edad da Piedra a los Misterios de Eleusis*, de Mircea Eliade, publicada originalmente em 1976. A publicação de 663 páginas foi dividida em quinze capítulos que discutem os primeiros indícios arqueológicos de comportamento religiosos no material produzido por homínídeos pré-Homo sapiens, citando por exemplo, os achados neandertalenses de Pech de l’Azé, caminhando sobre o culto megalítico da Pedra Polida, sumérios, hititas, egípcios, cananeus, proto-semitas, proto-iranianos, proto-hinduístas, até as Bacantes gregas. Faz parte de um título de quatro volumes que reunidas parecem propor uma História Geral das Religiões do Mundo.

Esta resenha crítica tem o intuito de a partir da leitura da obra, destacar sobretudo aspectos do Período Paleolítico que contribuem para a compreensão da mediunidade enquanto categoria do estudo das crenças e ideias religiosa.

Por categoria, a partir de Mora (2000) situo a capacidade de determinado elemento reunir conceitos fundamentais que tornam possível o conhecimento de determinada realidade fenomênica. Formando base para uma discussão de sua pluralidade enquanto prática

abrangente, modelada conforme diferentes realidades e que contribuem para o conhecimento de uma relação mútua de causa e efeito entre a categoria e o elemento estudado. Entendendo a mediunidade como um fenômeno humano conectado às variações históricas, às diversas práxis sociais, mas que também se solidifica em continuidades que remontam até a Idade da Pedra Lascada, como aqui visamos discutir.

A noção de mediunidade parte do trabalho de Gauld (1982) e abarca o que entendemos por mediunidade, a comunicação com os mortos e o conjunto de práticas que a envolve, remeteria, no passado ou em outras culturas, a xamãs, feiticeiros e curandeiros, por exemplo. Mas também a forma como essa crença pode ser percebida em diversas sociedades a partir de um *continuum* de práticas e ideias religiosas.

Eliade inicia a obra discutindo sobre a vida dos ancestrais e dos primeiros da espécie humana. Destaca o bipedismo, a capacidade de produzir utensílios, as práticas da caça e da coleta, a divisão do mundo em caráter feminino e masculino, o lidar com a morte e o luto, por exemplo, como atributos que nos diferenciaram brutalmente de outras espécies e sugerem os motivos de muitas práticas religiosas do Paleolítico, Neolítico. A partir da leitura é possível a conclusão de que os desdobramentos do que seriam as primeiras manifestações religiosas podem ser verificados até os dias de hoje.

DESENVOLVIMENTO

Para o autor, o bipedismo é condição *sine qua non* para a orientação espacial dos seres humanos, os quatro pontos cardeais, alto e baixo. Tais coordenadas colocam o indivíduo no centro de um caos que necessita ser organizado para a sobrevivência. No aspecto religioso, a relação caos e ordem seria característica de todas cosmogonias apresentadas no livro. Onde o corpo, a casa, a cidade, a nação constituem posição central e eixo entre a Terra e a divindade. Assim como o indivíduo de postura ereta em relação ao mundo que o cerca.

O desenvolvimento de ferramentas se destaca como atividade exclusivamente humana à medida que os utensílios não se destinam a uma situação e momento particulares, possivelmente eram carregados de identidade pessoal, também religiosa.

[...] é inconcebível que esses utensílios não tenham sido carregados com uma certa sacralidade ou tenham deixado de inspirar uma infinidade de episódios mitológicos. As primeiras descobertas tecnológicas - a transformação da pedra em instrumentos de ataque ou defesa, o domínio do fogo - não serviram apenas para garantir a sobrevivência e evolução da espécie humana; eles também deram origem a um universo de valores mítico-religiosos, eles incitaram e alimentaram a imaginação criativa (ELIADE, 1999, p. 27).

A caça como atividade de sobrevivência não foge à essa ideia. Por exemplo, a disposição de crânios animais em locais altos é verificada por Eliade como um antigo culto solar que apela aos poderes regenerativos do astro, para garantir que a população caçada se recupere e se mantenha. Segundo o autor, a sacralização dos ossos se confirma como uma importante ideia religioso devido à sua continuidade em épocas regiões diferentes. Como diversas sociedades pastoris-agrícolas, na mitologia nórdica, na Bíblia, entre outros.

Nas pinturas rupestres do paleolítico e neolítico, a caça parece ter sido o fundamento para uma série de cerimônias religiosas. Nas cavernas de Lascaux, Montespan e Tróis-Frères, por exemplo, datadas de mais de 20.000 anos, as figuras de leões, ursos e outras feras são desenhadas cravejadas por flechas. Eliade salienta que tais símbolos podem se referir tanto a pedidos de prosperidade em caçadas futuras, mas também remeter a uma caçada primordial.

Esta última hipótese seria reforçada por desenhos localizados em salões mais profundos de Tróis-Frères (Figura 1), onde uma figura humanoide trajando pele de bisão parece dançar. As danças circulares, segundo Eliade, é um tema repetido ao menos 55 vezes em artes do paleolítico pesquisadas e seria algo que ilustraria de fato a persistência de crenças e ritos pré-históricos nas culturas contemporâneas.

[...] a dança circular é muito difundida (por toda a Eurásia, na Melanésia, entre os índios da Califórnia, etc.). É praticado em todos os lugares por caçadores, ora para apaziguar a alma do animal morto e ora para garantir a multiplicação da caça. Em ambos os casos, a continuidade com a ideologia religiosa dos caçadores do Paleolítico é evidente. De resto, a solidariedade mística entre o grupo de caçadores e o animal que eles costumam matar nos faz presumir a existência de certo número de segredos do comércio exclusivos dos homens; são precisamente os segredos desse tipo que foram comunicados aos adolescentes por meio de ritos de iniciação (ELIADE, 1999, p. 27).

É complementar que as danças circulares estão presentes não apenas em religiões “arcaicas”, o termo utilizado por Eliade parece se referir às sociedades cujas economias giram em torno da caça, pesca e pastoreio de sobrevivência. As mudanças tecnológicas alterariam a forma de interagir e pensar o mundo, por isso as culturas que não teriam vivenciado grandes transformações técnicas, instrumentais desde o Paleolítico, também não apresentariam grandes mudanças na estrutura religiosa de suas sociedades.

Ainda que Eliade (1999, p. 24) afaste a ideia de uma relação direta entre desenvolvimento tecnológico e intelectual, entendo que o autor opera certo evolucionismo tecnológico, onde as religiões se modificariam conforme as tecnologias de um tempo e espaço, chegando a considerar como fósseis vivos povos antigos da África

Existem, de fato, uma série de civilizações arcaicas, baseadas na caça, pesca e coleta, que sobreviveram até recentemente nas franjas da ecumena (na Terra do Fogo, na África, entre os hotentotes e bosquímanos, na zona ártica, na Austrália, etc.). [...] suas estruturas originais não foram desmontadas até o final do século XIX. Essas civilizações paradas em um estágio semelhante ao Paleolítico Superior passaram a constituir fósseis vivos em certo sentido. (ELIADE, 1999, p.49-50).

Descrita por Eliade, uma arte rupestre na caverna de Lascaux (Figura 2) traz uma série de elementos correlatos a práticas religiosas presentes no mundo todo. Ilustrando como a caça, a sacralização do espaço, a produção de ferramentas, a dança e, na figura do xamã, a mediunidade convergem no período Paleolítico. Trata-se de um bisão ferido cujos chifres apontam para um homem caído, uma lança com ponta em formato de gancho está contra o ventre do animal. A cabeça do homem termina em formato de bico e ao lado do corpo um pássaro repousa sobre um caníço. Ao que o autor complementa

[...] o homem não estaria morto, mas em transe diante de um bisão sacrificado, enquanto sua alma estaria viajando pela vida após a morte. O pássaro empoleirado no mastro, motivo específico do xamanismo siberiano, seria seu espírito protetor. Segundo Kirchner, a sessão xamânica teria o objetivo de conseguir o aparecimento do xamã em êxtase diante dos deuses para pedir-lhes uma bênção, ou seja, sucesso na caça. O mesmo autor estima que os misteriosos bastões sejam na verdade baquetas. Se você aceitar essa interpretação, significaria que os feiticeiros do Paleolítico já usavam tambores iguais aos dos xamãs da Sibéria. (ELIADE, 1999, p. 42)

Caso tal interpretação esteja correta, a cena realmente encontra muitos paralelos contemporâneos, como o próprio Eliade atesta. No entanto, a ideia de que uma prática primitiva continua com a mesma estrutura e propósito porque mantidas certas condições da era das cavernas, como a caça e coleta, em minha interpretação, não procede quando se considera a permanência das danças circulares, tomadas como exemplo, em culturas como a islâmica e a judaica, cuja tecnologia, teologia e outras características diferem em muito do que sabemos sobre o paleolítico e o neolítico. Também não se adequa ao fato de pessoas do ambiente urbano encontrarem conforto em religiões que remontariam tal arcaísmo, como o neopaganismo na Europa ou os caboclos das religiões de matriz africana presentes nas capitais urbanizadas do Brasil.

Para responder porque as danças circulares existem até hoje enquanto bases para diferentes manifestações religiosas, além de uma perspectiva tecnológica, talvez a resposta esteja na própria dança e nas pessoas a rodar. No sentido psicológico, fisiológico, biológico e social do ser humano. A que perguntas, objetivos e necessidades as danças circulares tem nos respondido em diferentes sociedades e períodos. Acredito que, assim como a dança, é por esse

caminho lógico que a mediunidade tem as condições de categoria própria para o estudo das religiões e além, no sentido de prática humana.



Figura 1 – O feiticeiro de Tróis-Frères. Fonte: <https://www.historiadelarte.us/prehistoria/el-hechicero/>



Figura 2 – O xamã de Lascaux. Fonte: <https://www.thetimes.co.uk/article/cave-paintings-tell-complicated-stories-of-the-stars-rpcvdd8cm>

Quando tomo a mediunidade enquanto prática humana é com o objetivo de conformá-la, assim como outras práticas citadas, como atividade constatável em sociedades diversas no tempo e no espaço, assim como o trabalho, e a política, por exemplo. De maneira que suas formas e transformações estejam associadas a um lugar social, porém sua condição de existência transcenda tais dispositivos e se encontra na própria vida e na necessidade humana de organizá-la, compreendê-la. As relações com a sexualidade aventadas por Eliade contribuem para essa ideia.

Segundo o autor, uma série de achados arqueológicos reforçariam a hipótese de que, antes mesmo do Paleolítico, se encontra uma divisão religiosa do mundo em dois grupos: feminino e masculino. Um dos motivos para o agrupamento pode estar na antiquíssima

utilização de um ciclo e calendários lunares. Onde a associação entre lua e o feminino está acompanhada de outros elementos, como a água, a vegetação, a morte e o renascimento, possivelmente devido ao caráter cíclico da lua e seu impacto direto sobre os outros membros do grupo. Com a mesma razão, o sol, o dia, a luz, se concentrariam em um grupo masculino.

Os complexos masculinos e femininos são estruturas bastante presentes também no Neolítico e em todas as religiões abordadas em *História de las ideas y creencias religiosas Vol. I*. Os elementos e características atribuídas a cada grupo se mantêm consideravelmente semelhantes apesar de tanto tempo. A meu ver, isto acontece pois se trata de uma resposta direta ao impacto do dia e da noite no ambiente e nos seres vivos.

É presumível que simples acontecimentos do cotidiano fossem experimentados com impacto muito maior do que na maioria das pessoas hoje em dia. Os sonhos, o eco no horizonte, o pôr-do-sol, a posição que crescem os arbustos, eram tomados com uma seriedade que desconhecemos, mas que precisa ser considerada na hora de pensar no papel do pensamento religioso e suas transformações. Retornando à divisão sexual do mundo, tal seriedade conduziu à formulação dos ritos iniciáticos, onde a criança deve morrer simbolicamente para que se reerga como homem ou mulher. É uma forma de prepará-la psicologicamente para o mundo, a vitória contra o caos, assumindo uma posição na sociedade. Eliade considera a hipótese desses ritos para o paleolítico e assinala que os processos iniciáticos vão se tornando mais específicos à medida que novos ofícios são especializados, como por exemplo, a iniciação do guerreiro (p. 258; p. 273), do ferreiro (p. 86; p. 226; p. 343).

As ideias de morte e sacrifício estão sempre presentes nos ritos iniciáticos descritos por Eliade e, conforme minha leitura, em toda cerimônia religiosa. O abate e o sacrifício marcariam um passo biológico

Porque o homem é o resultado de uma decisão tomada no início dos tempos de matar para sobreviver. [...] a solidariedade mística com a caça abatida revela o parentesco entre as sociedades humanas e o mundo animal. Matar a fera caçada ou, posteriormente, o animal domesticado equivale a um sacrifício em que as vítimas são intercambiáveis. Especifiquemos que todas essas concepções foram formadas durante as últimas fases do processo de hominização e que ainda manterão sua validade - modificada, reavaliada, disfarçada - milênios após o desaparecimento das civilizações paleolíticas.. (ELIADE, 1999, p. 25)

As cosmogonias apresentadas na pesquisa em destaque podem ser divididas em quatro tipos: resultado da fecundação das águas primordiais; do desmembramento de um gigante primordial; do dualismo entre unidade e totalidade, ser e não-ser; criação mediante a separação entre o céu e a terra. Independente do enredo, as narrativas mitológicas de nascimento do mundo

em algum momento envolvem a prática de sacrifício.

Como o deus Enki dos sumérios (ELIADE, 1999, 92-93), Senhor das Terras tem o olhar da vida negado por sua esposa Ningursag quando este come de uma fruta desrespeitando um interdito sagrado. Sua saúde só retoma, quando Enki sofre e beira à morte, se compromete a não mais quebrar o princípio que ele mesmo encarna, tendo o perdão da esposa e sacrificando sua própria vontade.

Na mitologia da Antiga Cananéia (1999, p.211-217), o deus-demiurgo El é destronado e castrado por seu filho Baal, que depois é morto por Mot, um de seus irmãos e personificação da morte. Baal jaz até que Anat, deusa da guerra, transforma Mot em um grão de trigo e faz dele sacrifício para que Baal retorne a vida.

Como último exemplo, considero interessante citar o mito indiano de criação do mundo a partir do auto-sacrifício de Purusa que representa a totalidade cósmica (ELIADE, 1999, p. 294). Purusa é andrógino e engravida sua parte feminina, Viraj, que o pare e se torna sua mãe. O filho e a mãe sacrificam sua parte homem e do corpo surgem os animais, preceitos litúrgicos, as classes sociais, a terra, o céu e outros deuses.

Os mitos cosmogônicos são revividos periodicamente, geralmente a cada fim de ano, e os sacrifícios ali estão presentes para garantirem o renascimento mítico dos deuses, de suas sociedades e da vida. Ao considerar os casos dos ritos iniciáticos, das danças circulares, do extêse xamânico, entendo que a abrangência com que determinada estrutura se repete em diferentes culturas religiosas serve como indício para situarmos as motivações desse sistema para além de fatores políticos, econômicos, culturais. Uma pesquisa pormenorizada é necessária para o desenvolvimento científico dessa hipótese, mas parto da premissa de que a continuidade histórica reflete questões psicológicas que, em termos de experiência humana e sociedade, estão distantes de serem respondidas de uma maneira que não seja abstrata e, portanto, individual por mais que as narrativas mitológicas sejam compartilhadas coletivamente. Para citar exemplos: o luto, a identidade de gênero, de vocação, as relações familiares, conjugais, aspectos onde um quinhão particular se desenvolve com relativa liberdade do que é social. Se trata da fração atrelada ao imenso, fosco e caótico ambiente de onde a consciência e a personalidade emergem.

Nesse sentido, em fins do período Paleolítico na região do Levante, os ritos funerários da cultura natufiana denotam uma divisão corpo-alma que reforça o caráter proto-psicológico da mediunidade, onde a cabeça é tomada como morada da alma. Como salienta Eliade

Os sonhos e as experiências extáticas e paraextáticas permitiram-nos reconhecer muito antes da existência de um princípio independente do corpo,

In: Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/UUEL), 4, 2021, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2021.

que as linguagens modernas designam como alma, espírito, sopro, vida, duplo, etc. Esse elemento espiritual (não pode ser chamado de outra forma, pois foi captado como imagem, visão, aparência, etc.) estava presente em cada corpo, em certo sentido constituía seu duplo. Mas a localização da alma ou do espírito no cérebro tem consequências importantes, por um lado, acreditava-se que era possível assimilar o elemento espiritual da vítima comendo seu cérebro, por outro, o crânio, fonte de poder, tornou-se objeto de adoração (ELIADE, 1999, p. 61)

Sobre o proto-hinduismo, o autor (ELIADE, 1999, p. 301) constata a crença que um Purusa de Ouro, ou seja, uma manifestação da divindade que gerou o mundo, mora no coração das pessoas e ao mesmo tempo que seu tamanho é comparado a um grão de milho, também é maior do que todo universo, onde este Eu cósmico, com a morte material, se encontrará com o Eu que habitava no corpo.

Em outro trecho, um preceito do zoroastrismo sobre a alma possui concepções coincidentes em diversas culturas (1999, p. 349). Trata-se da ideia de que uma morte violenta acarreta em um espírito perturbado da parte daquele que foi assassinado até que o crime seja vingado. Os gregos no rito conhecido como os mistérios de Elêusis (1999, p. 376) ensaiavam periodicamente um roteiro da morte, de modo que os iniciados nesses mistérios, quando chegada sua hora não se converteriam em uma sombra triste, desprovida de memória e vigor pois em vida haviam conhecido o além. O conteúdo acima tem, a meu ver, um inquestionável caráter de reflexão psicológica.

CONCLUSÃO

A partir da leitura de *Historia de las ideas y creencias religiosas Vol. 1*, de Mircea Eliade, procurei discutir as crenças e ideias religiosas que corroboram para o entendimento da mediunidade como categoria para os estudos de Ciências Humanas sobre religião e modos de pensar a vida. Neste texto procurei me deter nos elementos relacionados ao Período Paleolítico, recorrendo a contextos posteriores para reforçar possíveis continuidades de crenças e práticas desenvolvidas na Idade da Pedra.

A discussão procurou se referir à divisão e sacralização do espaço a partir do bipedismo, o impacto da tecnologia na cultura religiosa, a divisão sexual do mundo e sua relação com aspectos psicologizantes dos ritos iniciáticos, a presença do sacrifício simbólico ou não como importante elemento religioso de diversas cosmogonias e sociedades e a reflexão sobre a alma e a morte em termos contínuos e psicológicos. Como resultado, a partir de proposições como essas, verifico a possibilidade de se estudar a mediunidade como categoria para o estudo das crenças e ideias religiosas, sendo necessário um trabalho mais prolongado e atento sobre as fontes do autor e uma bibliografia atualizada, sobretudo no que diz respeito às discussões

arqueológicas.

REFERÊNCIAS

ELIADE, MIRCEA. *Historia de las ideas y las creencias religiosas: de la Edad de la Piedra a los misterios de Eleusis. Vol I.* Barcelona-ES: Editorial Paidós, 1999.

GAULD, Allan. *Mediunidade e sobrevivência: um século de investigações.* São Paulo: Pensamento, 1982

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia.* São Paulo: Loyola, 2000.

* * * * *